

O MICRO E O MACROCOSMO: DOS PRÉ-SOCRÁTICOS AO
*PROBLEMA XXX, 1*¹

Le micro et le macrocosme: des présocratiques au Problème XXX, 1

Juliana Santana²

RESUMO

Este artigo busca identificar semelhanças, e mesmo influências, de algumas teorias de certos pensadores pré-socráticos e de certos tratados do *Corpus Hippocraticum* com as proposições sobre a bile negra presentes no *Problema XXX, 1*. Para isso, a princípio apresentamos, de modo breve, traços próprios a teorias elaboradas por Alcmeón de Crotona, Empédocles de Agrigento e por alguns textos hipocráticos. Em seguida, apresentamos as posições do *Problema XXX, 1*, com ênfase especial na questão da interferência da bile negra nos homens que se sobressaem em várias áreas de atuação. Destacamos ainda os efeitos deste humor, como a melancolia por ele provocada e por vezes comparada à ação do vinho no corpo humano. Assim, indicamos as possíveis relações entre a primeira seção do *Problema XXX* com o que propunham as teorias filosóficas e médicas precedentes à sua redação, indicando que o texto aristotélico aponta igualmente para a ligação do homem com o cosmo do qual é parte.

Palavras-chave: Humores. Microcosmo. Macrocosmo. Bile negra.

ABSTRACT

This paper seeks to identify similarities, and even influences, of some theories of specific pre-Socratic thinkers and of particular treatises from the *Corpus Hippocraticum* with the propositions about the black bile present in *Problem XXX, 1*. Thus, at first, we briefly present traces proper to theories elaborated by Alcmeón of Crotona, Empedocles of Agrigento and by some Hippocratic texts. Next, we present the positions of *Problem XXX, 1*, with special emphasis on the issue of the interference of black bile in men who excel in various areas of activity. We also highlight the effects of this humor, such as the melancholy it provokes and sometimes compared to the action of wine on the human body. Thus, we indicate the possible relationships between the first section of *Problem XXX* with what the philosophical and medical theories that preceded its writing proposed, indicating that the Aristotelian text also points to the connection between humankind and the cosmos of which it is part of.

¹ <https://doi.org/10.51359/2357-9986.2022.253172>

² Universidade Federal do Tocantins, Especialização em Ética e Ensino de Filosofia; Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-graduação em Letras. E-mail: jusantana-a@uft.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8192-1255>.

Key-words: Humors. Microcosm. Macrocosm. Black Bile.

Introdução

Assuntos relativos à teoria dos quatro humores presentes no corpo humano – fleuma, bile amarela, bile negra e sangue – aparecem associados a teorias da filosofia antiga. Ligam-se a nomes de pitagóricos, como Alcmeón de Crotona, e de outros pré-socráticos, como Empédocles de Agrigento. Além disso, são relacionados à medicina antiga e a médicos como Hipócrates de Cós³, ou a teorias médicas de cunho hipocrático. Ademais, aparecem em estudos filosóficos da era clássica como os de Aristóteles ou ainda associado a teóricos aristotélicos⁴. Todavia, as propostas sobre a relação entre os humores e a medicina se estendem para além dos pensadores e médicos gregos antigos, espalhando suas raízes em teorias modernas, como naquelas apresentadas por La Métrie em *O homem máquina*.⁵

Tendo em vista os teóricos antigos supramencionados, com este artigo buscamos entender se é possível perceber semelhanças e, por que não, influências das teorias apresentadas por certos pensadores pré-socráticos e certos tratados do *Corpus Hippocraticum* nas propostas sobre a bile negra encontradas no *Problema XXX*, 1. Inicialmente destacamos traços próprios a certas perspectivas que precederam Aristóteles sobre os humores. Em seguida, expomos as teorias da mencionada seção dos *Problemas*. Esse texto comporta uma interessante descrição dos homens que se destacam em várias áreas de sua atuação, como seu temperamento melancólico ocasionado pela mistura da bile negra, descrita como semelhante ao temperamento alcançado por determinado ponto da embriaguez provocada pela ingestão do vinho. Abordamos os motivos apresentados pelo texto para o excesso de bile negra no corpo dos homens considerados excepcionais, ressaltando congruências do tratamento dispensado ao mesmo assunto por Alcmeón, Empédocles e pelos médicos autores de alguns dos tratados hipocráticos. Todavia, a inten-

³ Essas teorias foram escolhidas para compor este estudo devido às semelhanças que percebemos entre elas e as explicações do *Problema XXX*, 1.

⁴ Na apresentação de sua tradução do *Problema XXX*, 1, Pigeaud (1998, p. 52-53) associa os estudos sobre a bile negra a Teofrasto.

⁵ Filósofo moderno que afirmava em seu *Homem máquina* (1982) a influência dos humores, conforme suas quantias e misturas, nos diversos tipos de homem existentes.

ção deste artigo não é tecer uma genealogia longa e completa da questão da bile negra a partir dos textos mencionados. Indicamos tão somente possíveis familiaridades entre o texto aristotélico com alguns aspectos específicos das reflexões que o antecederam.

Assim, enfatizamos traços do texto aristotélico, mas tentamos demonstrar a existência de pontos comuns entre o passo do tratado em questão e o pensamento precedente, a despeito de suas diferenças. A exposição feita permite provar que os textos estudados propunham um homem inserido num mundo do qual participava e ao qual se assemelhava, pois ambos estavam sujeitos a mudanças conforme estações, temperaturas e quantidades de seus componentes.

A teoria dos humores na antiguidade

Alcméon de Crotona, médico-filósofo que viveu entre os séculos VI e V a.C., considerado um pitagórico⁶, apresentou ao mundo teorias que entendiam a saúde como um estado de equilíbrio (*isonomía*) de propriedades componentes do corpo humano. A doença, em contrapartida, era pensada como resultado de excesso ou falta relativas às mesmas propriedades. Alcméon teria também elaborado teorias acerca das terapêuticas a serem aplicadas quando houvesse excesso ou falta nas propriedades, apontando para isso técnicas de repleção e vacuidade que, associadas a propostas em matéria de dietética, seriam capazes de corrigir as desmedidas dos compostos do corpo, como bem ilustra o testemunho que segue.

Alcméon disse ser a constituição da saúde o equilíbrio das propriedades: do úmido, do seco, do frio, do quente, do amargo, do doce e dos restantes, e a monarquia entre eles produz doença, pois a monarquia de cada

⁶ Quanto à possibilidade de Alcméon ser um pitagórico, Aristóteles escreveu: “Outros membros desta mesma escola dizem que os princípios são dez e dispõem-nos em duas colunas de cognatos – limite e ilimitado, ímpar e par, uno e pluralidade, direito e esquerdo, macho e fêmea, estático e dinâmico, recto e curvo, luz e escuridão, bom e mal, quadrado e retangular. Foi por este modo, segundo parece, que Alcméon de Crotona também concebeu a questão, e ou ele recebeu deles esta ideia, ou eles a receberam deste, já que se expressou de uma forma semelhante à deles. É que, segundo as suas palavras, a maioria das coisas humanas anda aos pares, sem significar oposições definidas, como as de que falam os Pitagóricos, mas quaisquer ocasionais, e.g. branco e preto, doce e amargo, bom e mau, grande e pequeno. Ele aventou sugestões indefinidas acerca de outras oposições, mas os Pitagóricos declararam quantas e quais elas eram” (*Metafísica*, 986a22).

uma é o que causa destruição. Assim, a doença sobrevém por um lado quando há um excesso de calor ou de frio, ou de outras, quando devida à abundância ou à carência de um alimento, o que ocorre em partes como o sangue, a medula ou o cérebro. Essas partes podem ser também afetadas por causas externas, como certas qualidades de águas, certas regiões, pela fadiga ou por experimentar-se uma necessidade ou devido ao que lhes estiver perto. Mas ainda quanto à saúde, ela é a justa medida da mistura das qualidades. (DK 24A4)

Tais componentes ainda influenciariam no corpo segundo certa regularidade, que o pensador médico compara aos ciclos do Sol. Por destacar este aspecto, Alcmeon é um dos primeiros gregos dos quais se tem notícia a estabelecer relações ao menos de semelhanças entre o funcionamento do corpo humano e o restante da natureza, rumo à formulação que ficaria posteriormente conhecida como teoria dos humores.

Por sua vez, Empédocles de Agrigento (495-435 a.C.), outro pré-socrático a quem se costuma ligar a prática e a teoria da medicina antiga, foi o proponente de interessante afirmação sobre a constituição de tudo quanto existe no mundo físico. Este filósofo compôs um poema⁷ no qual afirmava a existência de quatro raízes que ao se unirem ocasionavam o surgimento de todas as coisas existentes no mundo, mas cuja separação punha fim à existência de todos os corpos dos quais eram compósitos. Teoria que se pode ler no fragmento citado abaixo:

Mas vamos, escuta as minhas palavras, pois que o aprender aumenta a sabedoria. Como já antes afirmei, ao declarar os limites das minhas palavras, vou contar uma dupla história: uma vez, eles cresceram para serem um único, vindos de muitos, outra, dividiram-se para serem muitos de um que eram – o fogo, e a água e a terra e a altura imensa do ar, e a amaldiçoada Discórdia, deles separada, igual em todas as direcções, e o Amor no meio deles, igual em comprimento e largura. [...]

Todos estes são iguais e da mesma idade, mas cada um tem uma diferente prerrogativa e cada um o seu próprio caráter, e cada um prevalece à vez, quando

⁷ A este poema costuma-se chamar *Sobre a natureza*; porém, não é o único texto de Empédocles do qual dispomos. Existem ainda fragmentos de um outro poema que trata, entre outras questões, daquelas relativas à alma, intitulado frequentemente *Purificações*.

chega o seu momento próprio. E sem eles nada mais nasce nem cessa de existir. Como é que poderia, de facto, ser isso totalmente destruído, se nada está vazio deles? Porquanto, só se eles estivessem continuamente a perecer, não mais existiriam. E que poderia aumentar este todo? De onde poderia ter vindo? Não, só esses é que existem, mas correndo uns através dos outros, se convertem em coisas diferentes em diferentes ocasiões e, contudo, são continuamente e sempre os mesmos. (DK 31 B 17)

As relações das raízes, sinalizadas no fragmento acima, eram ocasionadas devido à ação de dois princípios responsáveis pelo nascimento e pela morte de todas as coisas: *Philia*, o Amor, e *Neîkos*, a Discórdia. Associando ou promovendo a separação entre as quatro raízes, esses princípios eram responsáveis pela multiplicidade que existe no mundo. Amor e Discórdia eram então responsáveis por toda a mudança, mas sem que eles mesmos ou as raízes sofressem alterações, mantendo-se sempre os mesmos. Desse modo, Empédocles, bem como Alcmeón, também percebe a ligação subjacente a toda a realidade existente e que abarca até mesmo o homem, entendido como uma espécie de microcosmo relacionado a tudo mais que, em conjunto, se pode chamar macrocosmo.

Embora Empédocles, assim como Alcmeón, não mencione os humores, conforme sua filosofia é possível afirmar que há uma superposição entre as teorias dos pré-socráticos e a organização cósmica. A partir dessa superposição é possível relacioná-las aos textos hipocráticos e sua teoria dos humores, como explica a citação subsequente:

A doutrina dos quatro humores encaixava-se perfeitamente na concepção filosófica da estrutura do universo. Estabeleceu-se uma correspondência entre os quatro humores com os quatro elementos (terra, ar, fogo e água), com as quatro qualidades (frio, quente, seco e úmido) e com as quatro estações do ano (inverno, primavera, verão e outono). (REZENDE, 2009, p. 51)

As teorias apresentadas nos primórdios do pensamento grego, provavelmente, influenciaram os escritos dos médicos que compuseram a coleção de textos sobre medicina chamada hipocrática. Em tratados do século V a.C. é abordado o tema dos quatro humores, permitindo apresentar o homem como um microcosmo que reflete o macrocosmo, como firma Pigeaud

(2009, p. 65-66). Referimo-nos a ao *Da dieta* – sobre a relação do que se ingere com a saúde e a doença – e, o *Da doença sagrada* – que nos informa sobre como a bile e a fleuma afetam os caracteres –, e o *Da natureza do homem*, no qual aparecem teorias relacionadas às propostas pré-socráticas anteriormente mencionadas. A este último daremos maior atenção devido às propostas que faz. Por exemplo, o médico hipocrático afirma neste tratado que a composição do homem é feita por dois fluidos biliosos e ainda por sangue e fleuma. Ademais, o autor do *Da natureza do homem* descreve a saúde como resultado do equilíbrio entre essas quatro matérias vitais. Nesse mesmo texto apresenta uma teoria que relaciona os quatro fluidos componentes às estações do ano, fazendo eco às informações pré-socráticas que unem o homem ao todo cósmico. Todavia, busca evidenciar erros nas observações apresentadas pelos filósofos gregos, como quando propõem que o homem é feito de um só elemento ou quando o apresentam como uma unidade.

Se o homem não é uno, mas naturalmente composto pelos quatro humores, pode sofrer com o desarranjo de seus componentes e necessitar de tratamentos diversos a fim de restabelecer o equilíbrio interno, como nos explica Cairus:

O corpo do homem contém sangue, fleuma, bile amarela e bile negra – esta é a natureza do corpo, através da qual adoece e tem saúde. Tem saúde, precisamente, quando estes humores são harmônicos em proporção, em propriedade e em quantidade, e sobretudo quando são misturados. O homem adoece quando há falta ou excesso de um desses humores, ou quando ele se separa no corpo e não se une aos demais. (CAIRUS, 1999)

Como percebemos com a explanação de Cairus acima citada e conforme o *Da natureza do homem*, seria preciso medida (*métron*) na relação humoral, um equilíbrio em sua mistura (*krâsis*), proposta semelhante àquela de Alcmeón sobre a necessidade de equilíbrio das propriedades. Ademais, os textos em questão indicam que os quatro componentes do corpo humano não mudam, assim como as raízes e os princípios de Empédocles. Não obstante, cada um dos componentes tem características próprias como cores e

texturas peculiares, como podemos ler no passo do tratado hipocrático em questão que segue:

[...] se o calor e o frio, e o seco e o úmido não se inter-relacionarem com moderação e em igualdade, mas um predominar sobre o outro, o mais forte sobre o mais fraco, não ocorrerá a gênese. De sorte que como seria possível gerar a partir de um só ser, quando não se gera a partir de muitos, se a combinação entre eles não for bem constituída? Sendo esta a natureza de todos os seres e a do homem, então, é forçoso que o homem não seja uno; mas cada um dos humores que contribuem para a gênese conserva no corpo sua propriedade, e precisamente a que contribuiu. É necessário, também, que cada humor retorne à sua própria natureza, tendo chegado ao seu fim o corpo do homem: o úmido ao úmido, o seco ao seco, o calor ao calor e o frio ao frio. Esta é a natureza dos animais e de todos os seres: tudo acontece da mesma maneira e termina da mesma forma. Pois a natureza dos seres é formada a partir de todos estes humores já mencionados, e, segundo o que foi dito, acaba e se desintegra exatamente lá, onde cada um se formou. (*Da natureza do homem*, 3)

Assim, cada um dos humores seria responsável por uma doença diferente e requeria um tipo diferente de tratamento. A sobressalência de um ou de outro se daria conforme às diferentes estações do ano – novamente ecoando as propostas de Alcmeón –, graças às suas características específicas e condizentes ao clima, ar, água e lugar. A partir desse entendimento, a fleuma seria o humor mais frio, apareceria em maior abundância no corpo (e em lugares indevidos do corpo) durante o inverno, provocando mesmo a eliminação do catarro. O sangue seria abundante na primavera por ser mais úmido, sendo a primavera época de ocorrência de diarreias e sangramentos nasais. A bile amarela seria mais presente no corpo durante o verão por sua característica quente. A bile negra manifestar-se-ia mais perceptivelmente ao longo do outono, período em que aconteceriam vômitos e febres com maior frequência.

Na esteira dessas informações sobre o funcionamento do corpo humano e do mundo, o tratado hipocrático *Da natureza humana* ainda nos fornece indicações específicas acerca da ação e da presença das biles no corpo. Os dois tipos de bile são os humores que percorrem o corpo em maior quan-

tidade ao longo do verão e do outono. Esta última estação, por ser caracteristicamente seca e por apresentar queda de temperatura, no entorno e no homem, faz com o que o sangue esteja em menor quantidade no corpo, cedendo lugar à bile negra que se torna “abundante e vigorosa” (*Da natureza do homem*, 7) no organismo. Não obstante, o autor do tratado ressalta que “o corpo do homem tem permanentemente todos estes humores que, segundo a estação anual vigente, tornam-se ora mais, ora menos abundantes, cada qual de acordo com sua proporção e natureza” (*Da natureza do homem*, 7). Esta explicação ressalta novamente a semelhança entre o funcionamento do corpo e aquele do cosmo, com suas variações conforme a época do ano, quantidades e temperaturas. Por isso, doenças diferentes acometem os homens conforme as épocas do ano, as condições dos lugares e etc., tendo estes influência no estado de saúde alterado. O autor ainda aborda as quantidades das biles no corpo como responsáveis por diferentes mazelas, como tipos diferentes de febres, ocasionando mudanças na temperatura corporal. Em especial a bile negra pode ser responsável pelas febres quartãs, que ocorrem principalmente no outono.

Estas alterações são relacionadas às descrições dos humores, especialmente da bile negra que, já no *Corpus Hippocraticum*, é tomada como uma condição normal e associada ao caráter. Como podemos ler na explicação de Carvalho transcrita abaixo, as discussões hipocráticas acerca de tal bile indicam mesmo a condição melancólica:

Já a melancolia, mesmo nas suas formas mais graves, é indissociável do carácter do indivíduo, concentrando-se as suas manifestações no ânimo e na vitalidade psicofísica. Ela foi frequentemente tomada como condição normal que só em certos casos deve ser objecto de atenção médica. Contudo, no curso da sua nosografia e do seu retratamento literário, o melancólico aparece como sujeito a movimentos emocionais intensos que decorrem de uma conduta ética particular ou simplesmente de uma atribuição divina. (CARVALHO, 2015, p. 38)

Apesar desta afirmação, o estudioso ressalta que o uso do termo melancolia parece ser tardio, sendo mais frequente o uso de bile que destacamos anteriormente com os passos do *Da natureza do homem*. A partir desse

emprego é possível, Carvalho afirma, deduzir a referência à melancolia mesmo em textos que não o apresentam, como no caso do tratado mencionado.

Com a apreciação dos estudos hipocráticos evocados, percebemos que indicam a um médico desta escola o dever de observar os humores e suas manifestações para então indicar tratamento adequado, sendo por isso que a teoria dos humores é influente igualmente em questões de terapêutica. Se as doenças poderiam vir dos regimes ou das estações, os “remédios” buscariam o restabelecimento do equilíbrio humoral. Então, a saúde seria dependente de uma boa dieta, conforme às estações, à idade e à constituição física. Para o equilíbrio dos humores ainda eram recomendados exercícios, banhos, eméticos (para se livrar do excesso de fleuma, por exemplo) e purgativos (para expelir o excesso de bile negra). Essas ideias apontam ainda e novamente, como nas teorias elaboradas pelos pré-socráticos anteriormente expostas, similaridade entre micro e macrocosmo, que seguiriam a mesma lei. O que move o homem move o universo, como explica Frias (2005, p. 50-51):

Os ciclos fisiológicos são um caso particular dos ciclos existentes na natureza; a saúde é o estado em que a circulação dos humores é normal; a doença, pelo contrário, constituía perturbação desse ciclo pelo acúmulo de bile ou de flegma no cérebro e o subsequente defluxo de um desses humores.

Com o auxílio dos apontamentos supracitados, percebemos a ligação entre o todo da realidade em um cosmo presente tanto no entorno quanto no próprio homem. Esta proposta aparece nas teorias dos pré-socráticos e nos tratados de medicina hipocrática visitados e, ao que nos parece, igualmente pode ser observada ainda em um tratado aristotélico no qual lemos sobre a teoria dos humores, ou ao menos sobre o humor que é a bile negra. A despeito das diferenças entre as indicações do estagirita e aquelas dos filósofos predecessores, cremos ser possível ainda perceber a questão do espelhamento do macrocosmo no microcosmo nas afirmações que são feitas no *Problema XXX*, 1, texto de autoria duvidosa, mas que admitiremos como sendo escrito por Aristóteles⁸.

⁸ Sobre a autenticidade do *Problema XXX*, e dos *Problemas* em geral, ver a nota introdutória à tradução das *Les Belles Lettres*, feita por P. Louis (2003, p. 23-28). O tradutor nos in-

A teoria da bile negra no Problema XXX, 1

A teoria humoral também está presente nos escritos aristotélicos do século IV a.C.⁹ com seus apontamentos sobre a bile negra, ou em textos da medicina posterior¹⁰ a essa data. A questão que levantamos, especificamente relacionada aos *Problemas*, é se o texto da seção XXX, 1 mantém semelhanças ou raízes nas teorias relativas aos humores apontadas anteriormente. Propomos esta indagação pois, por vezes, percebemos um tom negativamente crítico nos tratados de Aristóteles quando este faz referência e explica as perspectivas dos pensadores predecessores. Caso que podemos notar no *De anima* e na *Metafísica*, que abordam proposições pré-socráticas sobre a alma, o ser e outros assuntos. A indagação é pertinente também pelo fato de haver estudos mais próximos de nós quanto ao tempo que negam a influência da filosofia grega na medicina antiga¹¹.

A resposta que daremos para a questão levantada será a favor de tal influência porque mesmo buscando indicar exposições por vezes depreciativas das filosofias dos pré-socráticos, Aristóteles ainda recorre a elas inúmeras vezes. Muitas dessas vezes conferindo aos textos dos outros filósofos

forma sobre a questão que paira acerca da autenticidade do tratado, mas cita Cícero como testemunha da autenticidade do texto, ao apontar nas *Tusculanas* (I, 80) que Aristóteles havia afirmado a melancolia como característica dos homens de gênio. Ademais, aborda neste problema questões similares às que aparecem na *Retórica*. Por exemplo, no *Problema* em questão é usada a mesma fórmula para falar de atores profissionais que a empregada no outro tratado, a saber, “os artistas de Dioniso”. Louis considera a sessão toda como autêntica, mas composta por textos escritos em épocas diferentes. Ainda indica que o texto comporta uma teoria sobre a alma alojada no peito que é também aristotélica. Esses são alguns dos sinais que o tradutor e comentador percebe para defender a autenticidade do tratado. Para falar da autenticidade do texto, Rivas (2011, p. 217) aponta como prova irrefutável o fato de o próprio Aristóteles citar os *Problemas* sete vezes em outros tratados: em *Sobre a juventude e a velhice* (470a18); em *Sobre o sono e a vigília* (456a29); em *Partes dos animais* (676a29); em *Meteorológicos* (363a24); e em *Geração dos animais* (747b5; 772b11; 775b37).

⁹ A proposta de tais teorias nos *Problemas* intriga ainda pesquisadores contemporâneos, como J. Pigeaud que chega a declarar em entrevista: “a melancolia patológica dos psiquiatras, com um ser atônico, prostrado, etc., e a melancolia criativa de Aristóteles, é a mesma coisa” (PIGEAUD, 2010, p. 65).

¹⁰ Apenas título de exemplo e confirmação para esta afirmação podemos citar Galeno, médico grego e estudioso de filosofia do século II d.C., maior comentador de Hipócrates, como nos informa Rebello (2006, p. 72) e grande responsável pelo sucesso da teoria hipocrática dos quatro humores, conforme Pigeaud (2009, p. 55).

¹¹ Referimo-nos a teorias como a de Ludwig Edelstein em *Ancient medicine: Selected papers of Ludwig Edelstein* (apud CARVALHO, 2015, p. 32), que teria negado a relação entre medicina e filosofia gregas. Há ainda afirmações como a de Rezende (2009, p. 182) que separam a “medicina racional [...] da filosofia especulativa”.

uma interpretação favorável ao pensamento que pretende defender, é bem verdade. Quanto ao contato com os textos do *Corpus Hippocraticum*, este é noticiado pelo próprio filósofo na *História dos animais* (II, 512b2-513a7). Por isso, cremos que podemos indicar um movimento interpretativo empreendido por Aristóteles que assume aspectos das teorias escritas anteriormente, embora o *Problema XXX*, 1 conte com o acréscimo de uma interessante do assunto acerca dos efeitos da bile negra nos homens de exceção (*perittoí*).

O passo em exame (953a10-957a35) nos apresenta como questão: por que os homens extraordinários (no bom ou no mau sentido) são melancólicos, têm a presença dos efeitos da bile negra fortemente marcada em suas posturas frente às suas comunidades e à história? A pergunta é posta em meio à pequena seção dos *Problemas* que pretende lidar com questões relativas à razão, ao intelecto e à sabedoria, conforme indica seu título na edição da tradução francesa das *Les Belles Lettres* (2003), tornando o texto ainda mais interessante, ao nosso ver. Nele tem destaque a relação da bile negra (*mélaina cholé*) com o chamado temperamento melancólico (*melancholikós*) apresentado por homens de destaque nas áreas mais variadas: política, arte, filosofia e mesmo nos heróis. Destaque que permite admitir, como propõe Pigeaud (1998, p. 18; 2010, p. 64), que seja um texto sobre a ligação da psicologia com a criatividade. Ademais, a bile negra e o temperamento que desperta têm repercussões nas questões físicas relativas ao corpo, e estas influenciam questões éticas porque afetam os caracteres e os comportamentos. Sendo assim, na abertura do passo em apreço Aristóteles questiona:

Por que razão todos os que foram homens de exceção, no que concerne à filosofia, à ciência do Estado, à poesia ou às artes, são manifestamente melancólicos, e alguns a ponto de serem tomados por males dos quais a bile negra é a origem, como contam, entre os relatos relativos aos heróis, os que são consagrados a Hércules? (*Problema XXX*, 1, 953a10-13)

A pergunta destacada pelo autor é realmente instigante, mas há outras propostas no texto que chamam a nossa atenção. Uma é aquela acerca da relação dos “homens de gênio” com a melancolia e o fato disso ser discutido em tratado sobre a razão. Outra é que Aristóteles parece tratar esse traço

de caráter e de físico como algo natural: todos têm, em seus corpos, uma proporção de bile negra, asserção que vai ao encontro daquelas destacadas a partir do *Corpus Hippocraticum*.

Comecemos por tratar os casos excepcionais, bem como suas variações, porque Aristóteles, ao mesmo tempo, indica algumas de suas manifestações como males, como no caso em que Héracles fora acometido pelos humores da bile negra, tendo um acesso de loucura e agindo contra os próprios filhos¹², além de ter o corpo crivado de ulcerações. Este exemplo, conforme Pigeaud (1998, p. 8), apresenta os extremos da melancolia: a loucura (*ékstasis*) e os males do corpo. Assim, são apontados males ao mesmo tempo físico e psíquico, justificando a relação dos homens fora do comum com a bile em questão e chamando tais problemas de afecções.

Além do herói Héracles, Aristóteles observa que as afecções da bile negra acometiam filósofos como Empédocles e ainda outras personagens ilustres da história grega antiga como poetas, estes últimos que sofreram de males causados por misturas desequilibradas dos humores no corpo, favorecendo a presença maior da bile negra. De modo diferente, o filósofo indica que outros homens são naturalmente propensos a esse tipo de desequilíbrio. Após tais afirmações, que aparecem logo no início do passo, como deveríamos encarar as propostas a respeito da causa dos males advindos dos efeitos da bile negra? A título de esclarecimento e exemplificação surge pela primeira vez a analogia do vinho, que pode nos ajudar a compreender a ação deste humor. Esta bebida, quando em excesso no corpo, deixa o homem embriagado em estado semelhante ao estado melancólico e produz uma variedade de caracteres, como nos explica Louis (2003, p. 23; tradução nossa):

Em geral, constata o autor, os homens que se tornam célebres de uma maneira ou de outra têm uma personalidade excepcional, que se explica pelo excesso de bile negra. Esta exerce sobre o organismo um efeito comparável àquele do vinho: ela aquece e enche de vento. Também todos os que apresentam essa particularidade têm disposições tanto ao gênio quanto à lou-

¹² É o que podemos ler na tragédia homônima de Eurípides, *Héracles* (v. 815-872), que, porém, atribui as ações do herói a uma trama urdida por Hera, amparada por Íris e executada por Lissa, a Loucura.

cura, ao entusiasmo profético assim como à depressão. Daí vem a pitada de loucura que acompanha frequentemente o gênio.

Um homem embriagado pode se apresentar como filantropo, como colérico ou como audacioso, pois o vinho muda os homens de modos diferentes, conforme a quantidade ingerida. Assim, a experiência tida com o vinho pode exemplificar como a bile negra age nos homens, produzindo todos os tipos de caracteres. Os embriagados podem mesmo atingir estados semelhantes àquele mais crítico da pessoa acometida pela bile negra. Todavia, no caso do excesso de vinho, são apenas estados: nos casos estáticos e mais extremos de melancolia não se apresenta a manifestação de um estado, de algo passageiro, mas de uma natureza.

A despeito das diferenças quanto à durabilidade dos efeitos da bile negra naturalmente excessiva e dos efeitos passageiros do vinho, ambos modificam o homem pela mesma causa: o calor e o vento, pois, como explica o filósofo: “Acontece que o humor da vinha e a mistura da bile negra contêm vento” (*Problema XXX*, 1, 953b22). Quando quente, o vinho, tinto em especial, produz espuma e por isso excita o sexo. Por sua vez, a melancolia ocasionada pelo humor, com seu calor e aspecto ventoso, também excita o sexo, provocando ereções. Ambos insuflam vento pelo corpo das pessoas que acometem, insuflando-lhes os membros cavernosos. Desse modo, a influência da temperatura da bile negra nos efeitos que provoca nos homens ganha relevo, podendo ainda nos remeter às questões sobre os humores propostas por Alcméon e também pelo *Corpus Hippocraticum* quando abordam as relações dos humores com as estações do ano, por exemplo.

Relacionando a questão da temperatura com observações das discussões sobre a ação do vento, é afirmado que a maioria das pessoas melancólicas são secas, tendo as veias saltadas pelo ar que corre nelas; por seu turno, os que são maus devido ao seu humor e que apresentam cor anegrada são ainda mais secos. Nestes, diferente daquelas pessoas a quem o vinho ataca, a mistura do quente e do frio no humor é natural e, assim, a bile negra pode superaquecer ou superresfriar. No entanto, a temperatura originária desse humor é fria quando não se localiza na superfície, mas quando excessiva-

mente fria ocasiona apoplexias, torpores, atimias¹³ – uma espécie de estado depressivo - e terrores. Em contrapartida, quando muito quente e na superfície, a bile negra provoca eutímia, cantos, acessos de loucura e erupção de úlceras. Na maioria dos homens, no entanto, tais efeitos são relacionados à alimentação e por isso não alteram o caráter, apenas provocam as doenças típicas ao desequilíbrio deste humor.

Após destacar os casos excepcionais e suas variações, podemos abordar a questão da presença da bile negra nos corpos humanos. Sendo informados de que há um estado semelhante àquele provocado naturalmente pela bile negra e o real acometimento do humor, podemos perceber que a presença natural de tal bile no corpo leva a apresentar espontaneamente caracteres de todos os tipos, mas que variam também conforme a mistura. Como alerta Pigeaud (2010, p. 64), o autor do tratado distingue entre a melancolia e os males que a bile negra provoca, porque a bile não causa necessariamente doenças. Quem a tem em grande quantidade e fria sente torpor e é idiota. Quem arde na mistura é atacado por loucura, tende ao amor, aos impulsos e aos desejos; alguns falam mais do que o normal, destacando-se. Naqueles em que o calor é localizado na região do pensamento – o entorno do coração (*kardía*) –, acontecem loucura e entusiasmo doentio, acessos que podem até incrementar os dons poéticos. Quanto ao calor e à quantidade da bile negra no corpo, Pigeaud (1998), Rivas (2010) e Carvalho (2015) entendem que pode, então, haver um estado “normal” nos homens comuns, mas nos melancólicos existe uma espécie de caso excepcional, porém não necessariamente nocivo, pois se trata de um caráter melancólico por natureza. Rivas (2011, p. 217; tradução nossa) explica: “Quem é melancólico por natureza, porém, ainda quando se encontra perfeitamente bem de saúde, possuirá um *ethos* especial que o fará perfeitamente diferente do homem comum. Será, então, *normalmente anormal*”. Assim sendo, os melancólicos em quem o calor excessivo fica em estado médio são os mais sensatos e,

¹³ Pigeaud observa que a partir de 954a24 há grande frequência de palavras da família de *thymós*. São 17 ocorrências conforme a conta do autor. Fala da atímia, da distímia, da eutímia, etc., como “maneiras como o indivíduo apresenta seu estar no mundo, sente-se viver na facilidade ou na aflição” (PIGEAUD, 1998, p. 28). Ressalta que no *Problema XXX*, 1 há relação entre as variações no *thymós* e a bile negra. Ressalta também sua relação com o suicídio apontada no texto aristotélico, mas igualmente em textos do *Corpus Hippocraticum* (*Epidemias V e VII*; *Aforismo VI*, 23), embora estes nem sempre mencionem a bile negra.

Aristóteles afirma que “são menos bizarros, em compensação, em muitos domínios, são superiores aos outros, uns no que concerne à cultura, outros às artes, outros ainda à gestão da cidade” (*Problema XXX*, 1, 954b3-4). No entanto e por exemplo, se esses homens de destaque se amedrontam podem tornar-se inconstantes. Portanto, as descrições e explicações apontadas nos permitem entender que a mistura em seu corpo os leva a reações diferentes devido ao aquecimento ou resfriamento da bile negra, como no caso da mistura mais fria, que leva a tremer; com uma mistura mais quente, o medo deixa em estado médio, não causando perturbação.

Todavia, cabe reforçar que todos têm em suas misturas humorais “um pouco da potência [da bile negra]” (*Problema XXX*, 1, 954b18), o que explicaria as variações nos estados de caráter e emocional. Sendo assim, há quem seja do modo descrito por seu caráter, porque as afecções os atingem “no fundo deles mesmos” (*Problema XXX*, 1, 954b20), como expõem as palavras do filósofo. A questão, nesse caso, paira toda em torno da quantidade: quem tem pouco da mistura é mediano, quem tem muito é diferente da maioria. Quando a mistura se encontra totalmente concentrada, a melancolia atinge seu nível mais alto. Em concentração alta, porém um pouco mais atenuada, há os seres de exceção; mas o descuido dessa quantidade atenuada pode conduzir os seres de exceção ao sofrimento com as doenças da bile negra, que afetarão variadas partes do corpo. Como nos demais homens, também nos homens de exceção podem advir apoplexias, epilepsia, temores, atimias, confiança excessiva, etc. Com essas proposições das doenças relativas à quantidade de bile, percebemos outro ponto que pode ser comum entre as teorias do *Problema XXX*, 1 e aquelas dos pensadores precedentes, quando estas tratam dos desequilíbrios nos componentes do corpo humano.

Observemos ainda a descrição que Aristóteles faz dos efeitos dos contrários relativos à bile negra na mistura e sua temperatura, exposição demasiado interessante e também comparada ao efeito do vinho. Por um lado, indica que a bile, quando muito fria, provoca distímia – uma espécie de tristeza. Na juventude, leva a enforcamentos e isso ocorre às vezes também na velhice. Por outro, afirma que muitas pessoas, após beber, já têm seu calor natural do lugar do pensamento apagado pelo calor do vinho, sendo impelidos à eutímia – uma espécie de euforia. Isso faz com que tenham vontade de

beber muito. Além do mais, o excesso do vinho traz confiança e esperança, explicando assim alguns dos efeitos da embriaguez. De modo semelhante, na ação da bile negra aqueles que têm seu calor apagado e sofrem com a atímia também são mais propensos ao enforcamento; enquanto naqueles em quem o calor é brutalmente apagado ocorre o desejo de atentar contra a própria vida por outros meios. A atímia e a eutímia ainda estão relacionadas às idades: a primeira é mais frequente em pessoas mais velhas, e a última nas crianças. Todavia, Aristóteles afirma ser possível a ação de causas externas para o apagar do calor, como no caso supracitado da embriaguez. Com a ingestão do vinho o calor deixa o corpo e vem a afecção. O passo informa ainda que após o sexo acontece coisa semelhante, sendo mesmo que alguns, quando liberam excesso de esperma, se sentem eutímicos porque se aliviam do vento e do calor excessivos, esfriando após o ato sexual.

Em suma, com as exposições sobre esses assuntos, o filósofo nos explica que a potência da bile negra não é constante, sendo por isso que também os melancólicos apresentam caráter variável. Se o caráter é determinado pela temperatura quente ou fria, e se a bile negra pode aquecer ou resfriar, ela “molda” o caráter, bem como o faz o vinho. Todavia, não poderíamos esperar entendimento diferente da parte de Aristóteles: é possível ter uma “boa mistura da inconstância” (*epei d’ésti kai eúkraton eínai tèn anōmalían*), uma “constância do inconstante” (PIGEAUD, 1998, p. 20) ou do anormal (*Problema XXX*, 1, 955a37). Nesses casos há uma mistura de boa qualidade (*diáttēsis*), pois, reiteramos, os melancólicos são naturalmente, e não por doença, seres de exceção. Tudo que lhes acontece é devido ao calor e ao frio na mistura, bem como à sua dosagem, reforçando também a associação do pensamento aristotélico às teorias dos tratados *Da natureza humana* e *Da medicina antiga*, que indicam a bile negra como humor outonal e que, como Alcmeon, propõe a necessidade de moderação e equilíbrio na relação dos componentes do corpo. É o que nos explica Carvalho (2015, p. 42), referindo-se ao segundo tratado hipocrático ora mencionado: “Neste tratado (e de modo mais desenvolvido em *Da Natureza do Homem*) se delineia uma distinção importante nas observações da melancolia que encontramos em Aristóteles e no *Problema XXX*. [...] A intervenção no equilíbrio, dependente da proporção e estado dos humores, está centrada no corpo”. As-

sim, o excesso, no que concerna à melancolia e aos demais efeitos ocasionados pela bile negra pode se configurar como um desvio positivo. O excesso, que em outros tratados como a *Ética Nicomaqueia*¹⁴ é tido como sinal de maldade de caráter, no estudo sobre a bile negra e a melancolia não soa totalmente negativo. No entanto, a mistura e a temperatura não podem ser “demasiadamente exageradas”, sobrepondo de modo extremo a bile negra aos outros humores. Segundo Pigeaud e Rivas, esta proposta aponta um esquentamento do frio e um resfriamento do calor, bem como a coincidência do estado da bile negra com uma ocasião oportuna. “Por isso, o melancólico é o homem do *kairós*, posto que possui a *eucrasía* ou mistura adequada da bile negra em sua temperatura justa, quando chega a *ocasião*” (RIVAS, 2011, p. 222; tradução nossa). Assim, o melancólico proposto no *Problema XXX*, 1 consegue adequar suas condições físicas e as oportunidades que encontra, resulta numa espécie de medida percebida nas boas respostas do temperamento peculiar dos “homens de gênio”.

Além dos aspectos que tocam especificamente ao caso dos melancólicos, mas não excluindo-os, o passo estudado mostra que o corpo, por sua natureza, pode interferir nos atos e no caráter que qualquer homem apresenta. Este reage às quantidades e temperaturas da bile negra, que muda mesmo com a ingestão de certos líquidos e alimentos. Sendo assim, a fisiologia e o caráter humanos de certo modo refletem alterações compatíveis com as mudanças perceptíveis no todo do cosmo e isso também pode relacionar as elaborações de *XXX*, 1 com as explicações sobre micro e macrocosmo desenvolvidas por pensadores que antecederam a escrita do tratado aristotélico.

Considerações finais

Ao contemplar os aspectos e as possibilidades da bile negra no corpo, Aristóteles se filia às propostas anteriormente elencadas acerca da ação dos componentes no homem. Por exemplo, a perspectiva da organização das

¹⁴ Sobre a questão da melancolia na *Ética Nicomaqueia*, ver os Livros I, II e, de modo especial, o Livro VII, que a relaciona com desejos e prazeres, fornecendo um bom ponto de comparação entre as teorias sobre o assunto que aparecem no *Problema XXX*, 1 e em *Ética Nicomaqueia* VII.

quatro raízes, assim como a proposição dos contrários por Empédocles, parece ter tido influência no pensamento apresentado no *Problema XXX*, 1, salvaguardadas todas as peculiaridades de cada uma das teorias em questão. Influências de Empédocles também são presentes nas teorias aristotélicas quando se referem à ação do quente e do frio. Das teorias pré-socráticas que descrevemos brevemente ao início deste estudo, também percebemos a influência de propostas sobre o equilíbrio e medida presente nos textos de Alcmeón, filósofo do qual o próprio Aristóteles nos deu notícia, acerca de seu suposto pitagorismo.

As radicações da teoria sobre a bile negra aristotélica naquelas discussões precedentes podem igualmente ser indicadas, se não por outro motivo, pelo fato de o termo ser utilizado na coleção hipocrática. No mais, esta coleção, ao tratar em especial da bile negra, nos aponta semelhanças ainda mais claras com as mudanças frequentes em todo o cosmo, que, de acordo com outros tratados mencionados ao longo deste estudo, também apresentam tal variação em temperaturas quentes e frias como razão de suas mudanças. Isso pode ser confirmado pela analogia com a ação do vinho, que confere comportamentos semelhantes entre os embriagados, que têm a bile aquecida, e os que por outros motivos sofrem com o excesso de tal bile, pois a ingestão da bebida tem efeitos em certo humor pela alteração da mistura. Outra semelhança é vista nas propostas dos médicos hipocráticos segundo as quais o humor pode variar devido a ação de águas, alimentos, ares e lugares, embora seja algo natural no homem, como também destaca a seção *XXX*, 1.

Com esse tipo de teorização, assevera Carvalho (2015, p. 51): “É certo que ao privilegiar a investigação da dimensão física do homem, integrando-o no cosmos, Aristóteles seguia a tradição hipocrática e boa parte do pensamento filosófico precedente”. Ademais, as diferenças entre o texto aristotélico e os estudos precedentes podem ser diminuídas ao percebermos que, com seu estudo sobre a bile negra, ainda indica para o corpo humano a necessidade da medida com a finalidade de seu bom funcionamento¹⁵, a des-

¹⁵ Mesmo em suas teorias acerca da organização do corpo e das funções distribuídas aos órgãos do corpo ainda considera-se as questões relativas aos elementos terra, água, fogo e ar, constituintes de cada um destes órgãos, relacionando-os com calor e frio, bem como com a necessidade de terem calor em boa medida a fim de harmonia e saúde, como indica Vieira

peito da ênfase sobre o excesso, pouco corriqueira nas teorias do filósofo. Além disso, as propostas sobre as doenças que podem acometer o homem por um “excesso excessivo” ou uma falta da bile negra no organismo ainda nos indicam parentescos com as teorias médico-filosóficas dos predecessores e continuam a apontar para a necessidade de equilíbrio e medida nos humores no homem, em sua mistura, assim como propõem também os textos hipocráticos. Portanto, com o apoio dos textos e comentários estudados, para nós, está clara a relação, e mesmo a influência, das teorias pré-socráticas e hipocráticas relativas aos humores nas elaborações sobre o assunto feitas pelo *Problema XXX*, 1. Radicação reforçada porque os apontamentos dos textos estudados sobre estações do ano, raízes componentes do mundo, princípios organizadores do mesmo e a constante procura por medida e equilíbrio em tudo isso nos permite afirmar que resta no passo do tratado de Aristóteles a afirmação de uma relação entre o microcosmo que é o corpo humano e o cosmo que o abarca.

Recebido em 18/11/2021

Aprovado em 30/11/2021

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *De anima*. Tradução de Maria Cecília Gomes dos Reis. Rio de Janeiro: Editora 34, 2006.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução de António de Castro Caeiro. São Paulo: Atlas, 2009.

ARISTÓTELES. *De generatione animalium*. Trad. Arthur Platt. In: *The works of Aristotle translated into English*. Vol. 5. Oxford: Clarendon Press, 1912.

ARISTÓTELES. *História dos animais*. Tradução de Maria de Fátima Sousa e Silva. Tomos I e II. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Volume II. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2005.

(2012, p. 283-284). Essa teoria da organização do universo que se transfere para uma organização do corpo, já estava presente nos pensadores como os que apresentamos ao início dos estudos, como indica Rezende (2009), especialmente nos estudos hipocráticos.

ARISTÓTELES. Problema XXX, 1 – O homem de gênio e a melancolia. Tradução da tradução e introdução francesa de Jackie Pigeaud de 1998. Rio de Janeiro: Lacerda: 1998.

ARISTÓTELES. *Problèmes*. Tome III. Traduction par Pierre Louis. Paris: Les Belles Lettres, 2003.

ARISTÓTELES. De partibus animalium. Trad. William Ogle. In: *The works of Aristotle translated into English*. Vol. 5. Oxford: Clarendon Press, 1912.

ARISTÓTELES. *Parva naturalia*. Tradução de Edson Bini. São Paulo: EDIPRO, 2012.

ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução de Manual Alexandre Júnior; Paulo Farmhouse Alberto; Abel do Nascimento Pena. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

CAIRUS, H. F.; RIBEIRO JR., W. A. *Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005. História e Saúde Collection. Disponível em <http://books.scielo.org>. Acesso em 15 jun. de 2019.

CARVALHO, C. A. S. O problema XXX e o tratamento da condição melancólica em Aristóteles. In: *Revista Filosófica de Coimbra*. Coimbra: v. 24, n. 47, p. 27-78, março. 2015. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/37872/1/O%20problema%20xxx%20e%20o%20tratamento%20da%20condicao%20melancolica%20em%20Aristoteles.pdf>. Acesso em 25 de mai. 2020.

EURÍPIDES. *Héracles*. Tradução de Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2014.

FRIAS, I. *Doença do corpo, doença da alma: Medicina e filosofia na Grécia Clássica*. São Paulo: Loyola, 2005.

KIRK, G. S.; RAVEN, J. E.; SCHOFIELD, M. Tradução de Carlos Alberto Louro Fonseca. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2010.

LA METTRIE, J. O. *O homem-Máquina*. Tradução de António Carvalho. Lisboa: Editorial Estampa, 1982.

DIÓGENES LAÉRCIO. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução de Mário da Gama Cury. Brasília: UnB, 1988.

GRANGER, B. Maladie de l'âme et poésie du corps. Entretien avec Jackie Pigeaud. *Psychiatr Sci Hum Neurosci* 8, 2010, p. 61-66. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s11836-010-0132-4#citeas>. Acesso em 21 de mai. 2020.

PIGEAUD, J. *Metáfora e melancolia: ensaios médico-filosóficos*. Tradução de Ivan Fraix. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

REBOLLO, R. A. O legado hipocrático e sua fortuna no período greco-romano: de Cós a Galeno. In.: *Scientia Studia* vol. 4, n. 1. São Paulo: jan./mar. 2006, p. 45-82. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S167831662006000100003&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em 14 de jun. 2020.

REZENDE, J. M. Dos quatro humores às quatro bases. In.: *À sombra do plátano: crônicas de história da medicina* [online]. São Paulo: Editora Unifesp, 2009, p. 49-53. Disponível em: <http://books.scielo.org>. Acesso em 15 de jun. de 2019.

REZENDE, J. M. Os construtores da moderna medicina In.: *À sombra do plátano: crônicas de história da medicina* [online]. São Paulo: Editora Unifesp, 2009. p. 181-200. Disponível em <http://books.scielo.org/id/8kf92/pdf/rezende-9788561673635-21.pdf>. Acesso em 14 de jun. 2020.

RIVAS, R. P. Aristóteles y la melancolía. En torno a Problemata XXX,1. In.: *Revista Internacional de Filosofía*, vol. XVII, p. 213-227, Málaga: 2010. Disponível em dialnet.unirioja.es. Acesso em 15 jun. de 2019.

VIEIRA, R. M. *Raízes históricas da medicina ocidental*. São Paulo: Editora FAP-UNESP, 2012.



Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.